

SEÇÃO DE LIVROS

O HOMEM
QUE MATOU *Lincoln*



Condensação do livro

THE MAN WHO KILLED LINCOLN

por PHILIP VAN DOREN STERN



Nas páginas que se vão ler, baseadas em pesquisas meticulosas e profundas, expõe-se o caso de John Wilkes Booth e a parte que ele tomou num dos episódios mais trágicos da história americana.

*Copyright 1939, Philip Van Doren Stern, editado pela
Random House, Inc., Nova York, Preço \$3.00*

O HOMEM QUE MATOU LINCOLN

Terça-feira, 11 de abril de 1865.

DOIS DIAS apenas eram decorridos sobre a rendição de Lee, e o Norte adquirira a segurança de que havia ganho a guerra. As ruas de Washington, então mal iluminadas, encheram-se de uma multidão de ianques, a festejar delirantemente a vitória.

Bem atrás, no passeio, John Wilkes Booth permanecia de pé; e dali, silencioso e ruminando planos, assistia ao desfile entusiástico dos funcionários públicos, que desciam a Avenida da Pensilvânia. A luz dos archotes, que muitos dos populares empunhavam, caía-lhe de vez em quando sobre o rosto, belo e taciturno. Embrulhava-se no comprido capote, com a mesma atitude que se lhe tornara habitual ao apresentar-se em cena, no teatro. Ainda nas horas amargas, não deixava de ser ator...

Booth nutria uma insopitável aversão aos ianques. Durante dois dias andara a vagar pelas ruas, passando as noites em claro. Quando as baterias de artilharia de campanha dispararam numa interminável salva de regozijo, pareceu-lhe que estavam a bater-lhe, com um martelo, no cérebro. Tinha procurado embriagar-se, mas nenhuma quantidade de bebida pudera fazê-lo esquecer que o seu muito amado Sul estava a ser esmagado sobo rigor dos reveses.

Passava o povo, apressado, rumo à Casa Branca, porque Lincoln ia falar. Booth acenou com a cabeça para o companheiro, um rapaz alto, que estava ao

seu lado, e os dois entraram na onda que se movia a caminho da residência presidencial. Tinha na boca um vinco de amargura e, ao mesmo tempo, de cólera. Lincoln, para ele, era o inimigo. Pois iria vê-lo face a face.

Sim, o ódio de Booth ao presidente excedia os limites da razão. Os tormentos que o Sul vinha sofrendo eram, no seu entender, o resultado de uma perseguição obstinada e impiedosa de Lincoln. Com o seu pequeno grupo de conspiradores, tramara, meses e meses, a captura do presidente, afim de levá-lo a Richmond como presa de guerra.

No afã de aproximar-se do orador, embarafustou a massa popular nos jardins da Casa Branca, pisando plantas e flores. Booth encostou-se a uma árvore, e derramou olhares rancorosos sobre a casa em que Lincoln vivia. Alí—teria pensado—alí está o meu inimigo, a prelibar seu triunfo.

Ranqueou os dentes, voltando-se para olhar o companheiro, que estava de pé atrás dele. Mas este não lhe notou sequer o gesto. Era um moço de vinte anos, e que só aprendera, a bem dizer, a arte de matar. Quatro anos de serviço de guerra tudo lhe haviam arrancado, exceto a concupiscência primitiva. Booth o encontrara na miséria, e o tomara ao seu serviço, proporcionando-lhe o sustento e dando-lhe um chefe, um senhor, a cujas ordens ficasse. Lewis Paine—que assim passara a chamar-se o obtuso gigante desde que desertou as fileiras do Exército Confederado—tor-

nou-se então o guarda-costas de Booth, pronto a fazer o que o patrão lhe ordenasse.

SÚBITO uma luz apareceu numa das janelas da Casa Branca. O povo prorrompeu em aclamações. Juntaram-se a estas, acalorando o ambiente, as notas vibrantes de uma banda de música. A janela abriu-se toda, e um homem, alto e magro, a ela assomando, entrou a falar aos seus compatriotas.

Na monotonia glacial da voz cansada de Lincoln, ouvia Booth o próprio Norte falar. Era a linguagem desmaiada, insípida, de um homem de negócios. Certo o que estaria atrás daquilo seria a avareza de homens que só raciocinavam em termos de dinheiro. Bem ouvira dizer que aquele indivíduo tivera em tempo, a seu cargo, um armazem, ou cousa que o valesse, não sabia onde, no campo. E que lanzudo o tipo! Alí estava escarrado um campônio, grotesco e brutalizado pelo officio. E ver-se tal figura a guiar os destinos de um país que teve a governá-lo, em outras épocas, cidadãos de tão fino quilate!

Referindo-se ao problema do Estado de Luisiana, dizia Lincoln: «Entre nós, há quem estranhe que se não tenha dado aos homens de cor o direito de sufrágio. Eu próprio estimaria que se conferisse agora esse direito aos que estejam, por suas luzes, nas condições de exercê-lo, e aos que servem a nossa causa como soldados...»

Ao ouvir estas palavras, sentiu Booth retesarem-se-lhe os músculos da face. Mas então era verdade o que ele havia escutado sob a forma de boatos! Não se contentava Lincoln com libertar os escravos: queria dar-lhes efetivamente o direito de voto, o direito de ter uma voz no governo do *branco* Sull!

Não; aquilo não podia continuar. Por Deus, era indispensavel que se pusesse cobro a tanto abuso! Com o território ao sul de Washington em poder do inimigo, já não seria possível o rapto. Só restava uma cousa a fazer. Não havia mais fugir a essa fatalidade inelutavel...

Reconheceu em si mesmo o homem designado pelo destino para eliminar o inimigo do seu país. E não se applicaria só a Lincoln a condenação à pena última, mas igualmente àqueles que, seus colaboradores mais diretos, eram como ele responsaveis pelo governo do Norte. Grant, Seward, Johnson—todos deviam ter o mesmo fim que o chefe a cujos caprichos se haviam subordinado. Que lástima não dispor, para levar a cabo a sua empresa, de um regimento em armas, porem apenas da dedicação do seu punhado de conspiradores...

Aliás, entre estes, o único de fato devotado, ao mesmo tempo que destemido, era realmente Lewis Paine. Mas Booth confiava em John Surrat que, apesar de pouco mais do que um menino de escola, tinha levado regularmente comunicações, de Richmond a Montreal, para a Confederação. A mãe de Surrat, uma viuva, partidária exaltada do Sul, e que dirigia uma pensão em Washington, pusera de bom grado a sua casa à disposição dos conspiradores, para que lhes servisse de sede.

Surrat dissera a Booth que contasse com os serviços de certos homens, dos quais não dera os nomes, e que, investidos embora em postos de governo, vinham contudo apoiando secretamente o Sul. Quando se tramou o rapto, estes homens haviam prometido prestar o seu concurso, diligenciando de maneira a interromper o telégrafo, e embaraçar a ação official em perseguição dos rebeldes.

Dois outros dos conspiradores não

passavam de pobres diabos que se davam talvez ao luxo de simular exaltação e afoiteza. Um deles, David Herold, jovem de Washington, que seria àquele tempo o que se chama hoje um «sem trabalho», mostrava-se ansioso por fazer o que Booth lhe pedisse, mas era uma nulidade irresponsável. George Atzerodt, um carreiro alemão de Maryland Sul, era um covarde e um bêbedo, que só tinha sido recrutado para o plano do rapto porque conhecia a zona do rio Potómaque, e possuía uma chata que poderia ser utilizada eficazmente na Virgínia.

Tal era a casta de personagens de que Booth se cercara. Quando teriam de representar a tragédia, não o sabia Booth. Mas o desempenho da peça lhes estava confiado.

Sexta-feira, 14 de abril

NA RUA 10, á alguns quarteirões da Casa Branca, realizava-se no Teatro Ford um ensaio matinal. Anunciara-se que o general Grant assistiria naquela noite ao espetáculo. Os artistas da companhia de Laura Keene, trajando roupas de passeio, ensaiavam os seus papéis na peça que ia ser levada à cena, *Nosso Primo Americano*.

Numa das filas mais afastadas das cadeiras de orquestra, estava sentado John Wilkes Booth, lendo uma carta. Era esta de John Surrat, que se achava no momento em Montreal. Booth tinha ido ao teatro para o fim justamente de apanhar a sua correspondência. Ao passar pela bilheteria, fora surpreendido com a notícia de que Lincoln iria também aquela noite ao espetáculo.

Os fatos eram de ordem a sobreexcitá-lo. Surrat devia estar de regresso aquela tarde em Washington. Os demais companheiros declaravam-se prontos, a pos-

Tem-se de longa data suspeitado que Booth contou com outros cúmplices que permaneceram ocultos. Certas ocorrências inexplicáveis, verificadas na própria noite de 14 de abril, parecem justificar essas suspeitas. Além da misteriosa interrupção das linhas telegráficas, causou estranheza o fato de não se achar no seu posto a sentinela do camarote presidencial, a despeito dos boatos, que insistentemente corriam, de possíveis atentados contra a vida do Presidente. Outra curiosa circunstância: não só pôde Booth passar, sem maior dificuldade, pela Ponte Anacóstia, que aliás se mantinha sob guarda, mas também, durante a noite, não se despachou ninguém, para exercer vigilância sobre aquela que era, entretanto, a saída mais normal da cidade para o sul.

Que se venha a saber algum dia, em todos os seus pormenores, o que na verdade se passou, é muito problemático. Mas Emanuel Hertz, no prefácio — *The Hidden Lincoln* (Lincoln Ignorado), diz que Robert Lincoln, há alguns anos, esteve quase a queimar certos papéis privados de seu pai, que continham, segundo afirmava, a prova documental da traição, justamente de um dos membros do Gabinete de Lincoln. Mas aquiesceu afinal em depositar os papéis na Biblioteca do Congresso, sob a cláusula ou a reserva de só serem dados à consulta depois de 1947. Se e quando tais documentos vierem a público, ter-se-á ensejo de verificar se algum dos homens que tomavam assento à mesa do Gabinete traía o Presidente. (Extrato de um folheto que acompanhou o livro aqui condensado—*O homem que matou Lincoln*.)

tos, à espera apenas de uma palavra de ordem. Dificilmente se apresentariam outra vez as circunstâncias de modo tão favorável, imaginou Booth. Ser-lhe-ia fácil pular do camarote do Presidente, a uns três metros acima do palco, e sair através dos bastidores para a porta do

fundo. Saltos mais espetaculares, tinha-os ele dado muitas vezes, em representações teatrais.

Terá talvez considerado que ao drama cabia um desempenho em grande estilo, tanto mais que a platéia, desta feita, ia vê-lo fazer História! Não deixava de ser-lhe penoso abandonar a carreira. Posto que não fosse tão grande a sua nomeada quanto a do seu irmão Edwin; vinha fazendo, em média, nada menos de uns vinte mil dólares por ano, e não lhe faltavam os aplausos, de que sempre se vê acompanhado um ator de relevo. Em todo o caso, que empolgante a cena com que iria retirar-se do palco americano! E escaparia são e salvo, para o México ou para a Espanha, que não tinham, ao que sabia, tratados de extradição com os Estados Unidos.

Lançada que estava a sorte, não perdeu Booth um momento. Tratou, quanto antes, de distribuir os papéis. O vice-presidente Johnson era a menos importante das personalidades visadas: usar-se-ia contra ele do fraco Atzerodt. Quanto ao secretário do Estado, Seward, que estava em casa, de cama, com um maxilar fraturado devido a um acidente de carruagem, tocaria a missão a Paine. David Herold o acompanharia, para segurar-lhe o cavalo, e guiá-lo depois, na fuga, para fora da cidade. Como Grant se acharia no camarote com Lincoln, julgou Booth necessário contar com um companheiro. Escolheu então John Surrat, para ir com ele.

Assentadas assim as providências, para a ação que, dentro de horas, devia realizar-se, entendeu de lavrar por escrito, e para ser publicada, a justificação do que fizera. Não escaparia a ninguém que o não movia, no caso, nenhum interesse pessoal, mas tão só e unicamente a causa do Sul. Se bem que não houves-

se pegado em armas, ajudara, todavia, quanto esteve em suas forças, a referida causa. Nas suas excursões, como ator, de cidade em cidade, servira não poucas vezes de veículo a informações secretas. Através do bloqueio dos Estados, fizera contrabando de quinina, de que tanto precisavam os insurretos. Arriscara-se, em suma, a ser preso, ou mesmo a pagar com a vida o apoio à insurreição.

Foi ter ao Teatro Grover, e escreveu, no escritório do gerente, uma proclamação ao mundo, de que aquí vão os traços capitais: Explicava que só aquele ato poderia dar ao Sul uma nova esperança de liberdade. Sabia que seria censurado, mas algum dia, quando as paixões se acalmassem, a posteridade lhe faria justiça. E por fim, sem consulta aos outros, assinava arrogantemente: «Homens que amam o seu país, mais do que o ouro ou a vida—J. W. Booth—Paine—Atzerodt—Herold.» Omitiu o nome de Surrat, para resguardar a sua mãe de possíveis consequências. A um ator, de nome John Matthews, entregou o que escrevera, pedindo-lhe que o entregasse, por seu turno, na manhã imediata, à redação do *National Intelligencer*.

Cerca de cinco horas, teve Booth uma notícia. O general Grant não iria mais ao teatro; ia tomar o trem para Filadélfia. Booth procurou por-se em contacto imediatamente com Surrat, e o persuadiu a acompanhar o general no trem.

Sexta-feira, 14 de abril, à noite.

MUITO DE indústria, Booth bebeu, naquele dia, à larga. É que desde muito notara que o álcool o estimulava, afastando-lhe do espírito quaisquer noções ou idéias de malogro, e transformando-o numa criatura menos accessi-

vel a impressões, a nervosismo, e sobretudo a medo.

Abriu a mala, e dela tirou uma bela pistola de um só cano. Ao pegar na mesma, sentiu-se ainda mais forte. Uma simples pressão do seu dedo no gatilho, e eis a partir o raio, que iria fulminar o monstro Lincoln. Aquela pequena arma podia ter assim maior efeito do que todos os canhões que encheram dos seus ribombos o país, nos últimos quatro anos. Bastaria que desse um tiro, e o fogo, aparentemente amortecido, voltaria a estrondear... A ele a satisfação de arrebatado a vitória, justamente num momento que se afigurava o derradeiro... Como que ouvia o Sul inteiro a aclamá-lo. Nem jamais ator, na História, merecera tal ovação.

Reviu cuidadosamente as palavras da peça, que se ia levar daí a pouco, no ponto que havia escolhido para marcar a sua entrada na cena. Era numa ocasião em que somente um ator se encontraria no palco. Imaginando o quadro, podia ver-se a si mesmo, de pé, no camarote, alvejando com a pistola a cabeça de Lincoln. Dado o tiro, a representação mergulharia num silêncio de pasmo. Era chegado então o seu momento. Que poderia dizer, naquele rápido instante, acerca da tirania? Como se disse em latim, quando Bruto pôs fim ao grande Cesar? Veio-lhe a frase à memória: «*Sic semper tyrannis!*» «Assim sempre aos tiranos!» De resto, era esse o lema da Virgínia, o estado mais importante da Confederação. Nenhuma fórmula, por conseguinte, mais própria. Repetiu-a, em voz alta, com ênfase, não sem dificuldade quanto aos rr, que se lhe não ajustavam bem à língua.

É quando lhe chega, de fora, o som metálico das badaladas, anunciando os oito horas da noite. O pano de boca

do Teatro Ford já estaria levantado.

Duas horas decorridas, lá se achava Booth, no teatro, de pé, ao fundo da sala inteiramente repleta, fixos os olhos e a atenção no camarote presidencial. À medida que a peça se arrastava, crescia-lhe a impaciência. Segundo por segundo, os relógios do universo iam devorando o quase nada que ainda restava de vida ao homem que ele ia assassinar. Saltou-lhe dentro do peito o coração, quando viu que o soldado, que guardava a passagem conduzindo ao camarote de Lincoln, saíra do seu posto.

Eis que afinal se aproxima a hora própria para a ação. Paine e Herold estariam, sem dúvida, a caminho da residência de Seward, enquanto no seu hotel, de corredores escuros, Johnson se acharia certamente sob as vistas de Atzerodt, e quilômetros adiante, a caminho de Filadélfia, viajavam no mesmo trem Surrat e Grant. Posto que em lugares tão diversos, deviam todos, contudo, dar o golpe à mesma hora, rigorosamente marcada: dez e quinze. Então, prevalecendo-se da paralisia que a quádrupla execução acarretaria ao Norte, o Sul se apressaria em converter sua derrota em vitória.

Questão agora de um ou dois minutos, ia soar a hora trágica. Face rígida, músculos maxilares contraídos, marchou Booth em direção ao camarote presidencial. Ao aproximar-se da porta exterior, um homem que estava sentado alí perto levantou-se de repente e o encarou. Não perdeu a calma. Exibiu, como sendo seu, um cartão de visita do senador Hale, que obtivera através de relações de amizade, que mantinha com a filha deste. O guarda, apresentando-lhe desculpas, deixou-o passar.

No corredor que ia dar ao camarote, encontrou-se um momento sozinho, em

plena escuridão, o coração a bater-lhe desordenadamente, a respiração ofegante. Vindas do palco, ferem-lhe os ouvidos as palavras que, como vimos, tinha escolhido na peça para lhe servirem de deixa, marcando-lhe a entrada em cena. A mão, com que apertava a pistola, estava quente, a transpirar. Dar-se-ia que o som terrível do fôlego irregular, por motivo das ânsias que o entrecortavam, poderia denunciá-lo? Abriu a porta do camarote. A comitiva do Presidente, com a atenção presa à representação, não daria pelo fato. Booth deu um passo à frente, e, sacando da pistola, visou de perto a cabeça, alvo do seu ódio.

Logo em seguida, uma detonação. Dir-se-ia que a pistola—tão rápido fora o desfecho—havia disparado por si mesma. À voz, alta e seca, do tiro, uniu-se outra, a do assassino, exclamando: «*Sic semper tyrannis!*»

Estava realizado o seu destino! Matara Lincoln!

Da cadeira onde se achava, a assistir ao espetáculo, não mais se levantaria o libertador dos escravos. Mas ainda estava sentado, com a cabeça a pender para a frente, e envolto numa onda de fumaça, quando Booth, transpondo de um salto a balaustrada do camarote, caiu pesadamente no palco, dobrando na queda o pé esquerdo. Embora manquejando, abriu caminho, ameaçando com um punhal os que procuravam detê-lo. Um cavalo o esperava lá fora. Foi só montá-lo, e fugir.

DEZ MINUTOS, precisamente, passavam das dez horas, quando Paine e Herold abalaram para a casa de Seward. Quem olhasse àquela hora para a imponente fachada cor de tijolo da referida casa, só veria luz numa janela. Tudo o mais estava no escuro. Paine to-

cou a campainha, e anunciou-se como um portador, incumbido pelo dr. Verdi de entregar um dado medicamento ao secretário do Estado em pessoa. Respondendo-lhe o criado que este não poderia recebê-lo, Paine o afastou para um lado, e precipitou-se escada acima. No alto, encontrou Frederico, filho de Seward, que lhe perguntou asperamente o que desejava. Sua resposta foi apontar a pistola ao coração do rapaz, e puxar o gatilho; e, como a arma emperrasse, vibrou-lhe, com a mesma, uma pancada na cabeça, fazendo-o rolar.

Faca em punho invadiu ato contínuo o quarto do doente. O secretário Seward estava recostado na cama, o pescoço envolvido em ataduras. Paine, sem perda de tempo, procurou cravar-lhe a faca na garganta. Mas a lâmina foi de encontro a um obstáculo, alguma coisa dura, e resvalou. Paine golpeou novamente, insistindo no propósito de degolar a vítima. Alguem veio por detrás, e desviou-lhe o braço.

Enquanto dois homens entravam em luta com Paine, Seward conseguiu ir-se arrastando, até cair, já sem forças, mas escapo das garras do agressor. Paine, brandindo furiosamente a faca, logrou desembaraçar-se dos seus perseguidores, e ganhar a saída para a rua. Encontrou o seu cavalo no ponto em que o deixara. Mas em vão procurou David Herold. Alarmado com os sucessos que percebia, de fora, se estarem passando no interior da casa, tinha este julgado mais prudente bater em retirada.

ATZERODT ESPEROU da bebida o milagre de dar-lhe têmpera e audácia para a façanha da noite. Às dez horas e quinze minutos, teria ele, nem mais nem menos, que entrar no quarto de Andrew Johnson, vice-presidente dos

Estados Unidos, e pregar-lhe um punhal no coração. Ora, a bebida não lhe produziu outro efeito senão o de ter pena de si mesmo.

Aquilo não era serviço de que o encarregassem. Raptar o presidente e levá-lo para o Sul seria talvez tarefa que quadrava às suas habilidades. Isso, porém, de matar, lhe parecia muito diferente. Só em face de grandes ameaças aceitara a incumbência que lhe deram.

Seguiu para o hotel de Johnson, a tremer ante a simples idéia do feito que devia praticar. Mas quem sabe se um pouco mais de *whisky* não poderia arrancá-lo a tal depressão de ânimo? Entrou no bar, e olhou para o relógio. Eram já dez e cinco.

Cada dose de bebida parecia reclamar mais uma, só mais uma, para terminar... Quando consultou de novo as horas, não pôde conter o espanto: com aquela história de *whisky*, o tempo tinha voado! Já que não entrara em atividade à mesma hora que os outros, seria demasiado perigoso tentar fazê-lo agora.

Escarrachou-se no cavalo, e foi para as bandas do Teatro Ford, curioso de saber o que acontecera por lá. Quando chegou perto, viu que a rua estava cheia de uma multidão exaltada. Alguns gritavam: «Queime-se o teatro!» Outros: «Tiro nos atores! Deixaram o assassino fugir!» Para trás, a sair da escuridão, ouviu o tropel da cavalaria.

O que mais o impressionou foi a cena de populares, a tentar, entre berros de cólera, amarrar um homem a um lampeão. Atzerodt não conhecia o indivíduo. Este, presumivelmente, nada fizera. Se o tratavam de tal modo, era só porque havia suspeitas de que ele fosse um «rebelde». Atzerodt não quis saber de mais nada. Soltou rédeas ao cavalo, e pôs-se ao fresco, a galope.

A SENTINELA na Ponte do Arsenal de Marinha ouviu passos de cavalo na estrada, então escura, que ia para fora da cidade. Pôs-se alerta, com a baioneta ao cano da espingarda. O sargento Cobb, a cargo do posto, saiu da guarita, e interpelou o cavaleiro.

—Meu nome é Booth, respondeu o homem.—Vou para a minha casa, em Charles County.

—É proibido passar aquí depois das nove horas, esclareceu-lhe o sargento.

—Não sabia absolutamente, insistiu Booth.—Demorei um pouco na cidade, e pensei em voltar para casa, aproveitando o luar.

A sentinela disse baixinho alguma coisa a Cobb, que, depois de alguma hesitação, concluiu, descansadamente:

—Bem. Por hoje, vá. Pode passar.

A perna ferida de Booth doía-lhe horripelmente. Mas empolgava-lhe o espírito uma idéia dominante, que o fazia esquecer o sofrimento. Ele, John Wilkes Booth, acabara de lançar na confusão os planos e fantasias de vinte milhões de Nortistas, que já se regozijavam com as perspectivas da vitória. Tinha feito mais por sua pátria do que Jefferson Davis e Robert E. Lee.

Terça-feira, 25 de abril, meia-noite.

BOOTH TINHA estado deitado, durante horas, sobre uma pilha de feno, num celeiro da granja Garret, perto de Port Royal, Virgínia, sem haver conseguido conciliar o sono. No dia anterior procurara refúgio na granja apresentando-se como um soldado confederado ferido. Herold, que se reunira a ele, fora de Washington, na noite da fuga, se encontrava alí junto, a rressonar. Nunca, durante os últimos onze dias, sentira Booth tão duro, tão apertado o círculo de ferro da caça policial, nem

mesmo quando os soldados de cavalaria, no Maryland, estiveram a poucos passos do seu esconderijo num bosque. As autoridades tinham agora o traço dos seus movimentos além do Rappahannock. Ainda naquela tarde, registara-se a presença da cavalaria federal nas imediações da granja Garret, e naquelas redondezas muitas pessoas sabiam onde se encontrava o fugitivo. Mas o mais amargo, para este, era que a fé com que acreditara, de modo tão decisivo, no esplendor do seu destino, vinha caindo aos pedaços.

Não teria jamais admitido que, ao longo do seu caminho, em busca de salvação, lhe faltasse o apoio, o auxílio dos simpatizantes do Sul. Aqueles, entretanto, a quem recorreu, recusaram-se a acolhê-lo, se bem que lhe fornecessem alimentação e jornais, e, conquanto contrafeitos, evitassem traí-lo.

Havia onze dias que Booth e Herold vinham realizando, em marcha lenta, sua furtiva peregrinação, rumo ao Sul. Escondiam-se em pântanos e moitas. Booth, quase sempre a arder em febre, movia-se penosamente, apoiando nas muletas que improvisara, o corpo batido de sofrimento e fadiga. A princípio, a perna quebrada, muito dolorida, não o deixara montar. Quando recobrou um pouco as forças, teve que matar o seu cavalo, e Herold fez o mesmo ao seu, receosos de uma possível troca de relinchos, entre os seus e os animais da cavalaria de polícia.

Nos jornais leu Booth com desgosto como haviam corrido mal as cousas: a vida de Seward tinha sido salva por um colar de aço que os cirurgiões lhe puseram no pescoço, para apoiar-lhe convenientemente o maxilar fraturado. Nada encontrara a respeito do ataque de Surrat a Grant. Provavelmente o

yagão, em que viajava o general, tinha guarda em excesso a protegê-lo.

Não deixava aliás de notar, no modo como se dera a sua fuga de Washington, certos fatos ou circunstâncias que pareciam fantásticos. Era incrível a demora com que o governo dera início à ação policial. Como Surrat havia prometido, as linhas telegráficas, que partiam da cidade, estiveram interrompidas até duas horas depois de praticado o assassinio, quando, só então, se descobriu que os fios das baterias principais tinham sido inutilizados. Não seria mesmo de excluir que os misteriosos aliados de Surrat houvessem feito alguma cousa mais que neutralizar o telégrafo. Surrat havia recomendado a Booth que passasse pela Ponte do Arsenal de Marinha. E efetivamente as sentinelas lhe facilitaram a passagem, mediante a simples declaração do seu nome, e a alegação de um futil pretexto. Foi, até certo ponto, mais ou menos como se estivessem à sua espera.

Mas agora o que via Booth era todo o país, em frenesí, à cata dos criminosos. Alguns dos seus companheiros já haviam sido presos—Paine, Atzerodt, a mãe de Surrat. Pela captura dele, Booth, daria o governo um prêmio de 50 mil dólares.

Leu que homens, bastante imprudentes para emitir a opinião de que a Lincoln havia cabido a morte que merecia, tinham sido espancados e enforcados; que maltas desenfreadas davam caça, por toda a parte, a quem fosse sequer suspeito de ter simpatias pelo Sul; que os jornais divergentes de Lincoln haviam sido objeto de ataque e empastelamento. O Norte, cego de raiva, clamava por vingança e punição.

Não tendo o *National Intelligencer* publicado a proclamação que Booth lhe

enviara, encheu-se este de fúria, ao pensar que podiam julgá-lo um assassino comum. A 21 de abril escrevera no seu diário algumas linhas. Assim, se acaso o matassem, haveriam de encontrá-las, no referido diário:

Estou sendo caçado como um lobo, através de bosques e banhados, tudo posto em campo contra mim. Porque? Por ter feito aquilo mesmo por que Bruto foi exaltado; aquilo mesmo que fez de Guilherme Tell um herói. Eu entretanto sou considerado um bandido vulgar. Não fui atrás de lucros pessoais; não me moveram razões de ordem privada. Agí pela minha pátria, e só por ela. Um povo esmagado por esta tirania ansiava por este fim, e contudo vejam agora as frias mãos que me estendem!

Todas as esperanças de Booth num ressurgimento da causa do Sul desvaneceram-se quando ele teve a notícia, a 24 de abril, de que o exército de Johnston, a última grande força confederada, se havia rendido a Sherman. Viu então que a morte de Lincoln não modificara coisa alguma—a não ser que agravara os rigores, por parte do Norte, quanto aos termos da paz, e fizera subir ao poder os elementos nortistas que se opunham à política de Lincoln, de moderação para com o Sul. Não só se malograram os seus propósitos de salvar o seu país, senão que a este causara um dano irreparável. Afinal viu-se a si mesmo como o país o via: um desequilibrado e um homicida. E agora, alí, naqueles sombrios recessos da granja de Garret, sentia quase a soar, num cerco que se apertava mais e mais, a hora da expiação que se aproximava inexoravelmente. Sentia que para ele não havia perdão possível, de tal modo estavam desencadeadas as forças do ódio e da vingança.

*Quarta-feira, 26 de abril,
2 horas da madrugada.*

DE UM SONO mal dormido, Booth despertou em sobressalto. Sentiu que a pele se lhe arrepiava, ao perceber um ruído, como se na escuridão, do lado de fora, tivesse alguém apanhado um ramo seco. Logo depois uma imprecação em voz baixa, a que se seguiu, no mesmo tom, uma ordem de silêncio.

Era o fim.

Nunca se resignaria Booth a ser levado preso para Washington, com 20 milhões de pessoas a lhe pedirem a cabeça. A imagem que então viu passar, como um fantasma terrível, diante dos olhos da imaginação, foi a do corpo de John Brown, amarrado, um capuz à cabeça, exposto, menos ao sol que à execração pública. Preferiria sem dúvida morrer logo, alí mesmo, lutando. Estirou o braço e tocou em Herold.

—Aí estão os homens, Daví, murmurou. —Estamos cercados.

As vozes do lado de fora já se faziam ouvir naturalmente, sem maiores precauções. Alguém bateu violentamente, com o pé, na porta do celeiro, ao que se seguiu a intimação:

—Apareça quem está aí! Avisamos que toda resistência será inútil. Abra a porta, e saia desarmado!

Os agentes policiais ficaram à espera. Ouviam vozes no interior do celeiro, mas não havia resposta às intimações, que reiteravam, exigindo rendição. Até que a porta se abriu, e surgiu apenas Herold que, ao cair nas mãos da polícia, entrou a chorar histericamente.

Uns paus secos, alí ao lado, começaram a arder, crepitando. À luz amarela das chamas, lobrigou Booth um pelotão de soldados, de pé, dispostos em círculo, e com as armas levantadas.

Reconheceu que chegara o seu último grande momento. Teria que portar-se à altura dele—como Macbeth, Hamlet, e Otelo.

O calor das chamas tornava-se insuportável. Booth afastou-se, apoiado ainda nas muletas. Agora, não havia mais lugar para ter piedade de si mesmo. Antes morrer, já e já, a um golpe da própria mão que matou Lincoln e mudou o destino das nações, do que servir de pasto à vilania de uma corja de ianques.

Acariciou com a mão a superfície lisa da coronha da pistola. Nisto, veio de detrás um som metálico, que se não confundia certamente com a crepitação das chamas. Olhou, e deu com um cano de espingarda, que entrava através de um buraco aberto na parede. Nem mais um segundo a perder, sob pena de morrer em mãos profanas.

Encostou a pistola à cabeça, e súbito, ao som de um tiro, seu mundo desabou.*

Epílogo

INICIADO a 10 de maio, eis concluído o processo da grande conspiração. Os oito presos, a cabeça metida em sacos de pano grosso, algemados, aos pés cadeias de ferro de 30 quilos, foram alojados na velha penitenciária, situada em terrenos do Arsenal. Além de Paine, Herold, Atzerodt e a mãe de Surrat, havia Edward Spangler, Samuel Arnold e Michael O'Laughlin, envolvidos no caso do rapto, e não no do ho-

*Nunca se apurou positivamente se Booth de fato se suicidou, ou foi morto por um tiro que Boston Corbett, membro da força que cercou o celeiro, declarou haver-lhe disparado. Uma cuidadosa investigação dos fatos e circunstâncias parece indicar como mais provável a hipótese do suicídio.

micídio; e Samuel A. Mudd, o médico do interior de Maryland que tratou a perna de Booth na primeira noite da fuga. John Surrat conseguira escapar-se para o Canadá.

A Comissão Militar, que dirigiu o processo, procurou marcar para sempre a Confederação como um desesperado movimento que incluía entre os seus planos tanto a rebelião quanto o assassinio. Assim o processo se converteu num processo do governo rebelde, e nomes como o de Jefferson Davis e outros líderes sulistas foram trazidos à tona das acusações e debates. Perderam-se muitos dias a decifrar códigos secretos, a esmerilhar atos de crueldade, por parte dos insurretos, para com prisioneiros, a tomar conhecimento de descrições de tentativas rebeldes no sentido de incendiar, pilhar, e contaminar com enfermidades as cidades do Norte. 265 testemunhas prestaram depoimento pró ou contra os oito presos. A nenhum destes porem, foi permitido articular palavra.

A 6 de julho, quatro dos acusados: —Spangler, Arnold, O'Laughlin e dr. Mudd—foram condenados a prisão com trabalhos forçados. A 7, cumpriu-se a sentença que coube aos outros quatro. Sob um sol abrasador, Atzerodt, Paine, Herold e a senhora Surrat foram postos em fila, e enforcados no pátio da prisão.

O corpo de John Wilkes Booth, embrulhado num cobertor de soldado, foi sepultado secretamente, em terra de um dos anexos do presídio. Em 1867 removeram-se os despojos do autor do crime do Teatro Ford para propriedade de sua família em Baltimore, onde ficaram a jazer num túmulo sem epitáfio.

